



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

Raça, gênero e produção acadêmica: o campo de estudos sobre mulheres negras no Brasil

Autoria: Heloisa Helena de Oliveira Santos (IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro), Suzana Mattos Bianca Mattos

Pode-se afirmar que as análises a partir da perspectiva da interseccionalidade entre e gênero e raça não são, atualmente, nenhuma novidade na antropologia ou nas ciências sociais de modo mais amplo, especialmente depois da tradução e publicação (tardia) dos livros de Angela Davis, Patricia Hill Collins e Grada Kilomba no país. Contudo, ainda causa surpresa o fato de muitas pesquisadoras nunca terem lido autoras como Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez dentre outras, a despeito do crescimento do reconhecimento do feminismo negro no Brasil: reconhecimento revelado inclusive pelas traduções acima mencionadas. Como aponta Lia Caldwell em uma análise comparativa sobre os estudos que tematizam mulheres negras no Brasil e nos EUA, apesar dos works fundamentais de Nascimento, Gonzalez e de outras autoras, o desconhecimento sobre as mesmas permanece latente, ainda que esta ignorância esteja sendo, aos poucos, diminuída. Esta ainda reduzida aproximação de muitas pesquisadoras, mesmo as feministas, da produção intelectual das mulheres negras pode ser associada ao fato de a academia ainda se debater com o racismo acadêmico e ainda promover o epistemicídio, processo magistralmente trabalhado por Sueli Carneiro em sua tese. Considerando tais problemas e com o objetivo de ampliar o conhecimento e acesso à produção de e sobre mulheres negras, estas pesquisadoras iniciaram em 2018 um levantamento de todas as dissertações e teses indexadas na plataforma Sucupira que têm como objeto as mulheres negras, buscando ainda fortalecer a constituição do campo de estudos sobre mulheres negras no Brasil. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram selecionados alguns descritores a fim de filtrar os works acadêmicos relevantes para a análise. Para a definição do grupo de descritores, foi fundamental o artigo de Amélia Artes e Jesús Mena-chalco sobre a



expansão da temática relações raciais entre dissertações e teses. Após a extração, os dados foram revistos e ?limpos? e, a partir deste levantamento, iniciamos a produção dos primeiros dados e gráficos. Assim, o objetivo deste artigo é divulgar os resultados deste levantamento e trazer para a discussão algumas dos materiais desenvolvidos para este work que se encontra em andamento e que vem sendo realizado como atividade não associada a programas de pós-graduação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: